

Lá estão os meninos no corredor de milho onde o tiroteio começa; o Bruno escapa na dianteira com a barriga mole de tanto rir, atrás vem o Cabelo que cai sempre nos mesmos buracos e abre fogo com munição colorida — posso jurar, mesmo de longe, que o bombardeio de balas de goma tomou o campinho e riscou o ar feito serpentina. Meu irmão, o Chibo, ia no banco de trás. Eu estava no do passageiro, de joelhos, com a cabeça pra fora.

Pela janela avistei o Cabelo que não conseguia alcançar ninguém, ainda mais entre os pés de milho, e novamente o espião búlgaro chegaria à fronteira do país neutro sob uma chuva de máscara-masca sabor banana, talvez ferido nas costas, subiria a escada de sisal da casa da árvore e gritaria mulherzinha mulherzinha. O Cabelo diria que não valeu porquessim, porque a brincadeira já perdeu a graça e os planos de Sua Majestade estavam criptografados ou a Bulgária não existia de todo (no que decerto teria razão). Seria acometido da mais gorda e suntuosa birra desde os tempos do prezinho e iria bater nos meninos mais novos. No Chibo não, claro. De todos, o meu irmão era o mais velho, tinha acabado de fazer doze anos, ele era forte, sempre me defendia e — Olhei pelo retrovisor. Ele estava quieto: as palavras sumiam de vista feito uma estação fora do ar. Quando o carro parou, eu saltei com um pé só, e o Chibo, cheio de

relâmpagos, nem se mexeu. Ficou lá, distante. Tentei dizer alguma coisa, mas peguei soluço ao bater a porta do carro (e sei que todo mundo ri quando começo uma frase e sou interrompido por um soluço, entrecortado por um susto que me faz perder o equilíbrio), então me calei. Engoli a respiração e fiquei vendo o carro diminuir, diminuir cada vez mais, depois sumir pela borda do milharal.

Na plantação, o Cabelo vinha na direção do Bruno, de banda, como desgovernado. O Bruno acelerou com força (os pulsos firmes), disparou uns restos de mato por cima do ombro — a essa altura eu também corria sem saber direito por quê — e nos cruzamos no ponto médio entre a casa da árvore e a estrada. Ou melhor, quase fui atropelado: ele passou voando por mim e me girou feito uma catraca, levando uma nuvem de poeira e vento sul de mormaço. Eu tossia e soluçava em seqüências alternadas e mal conseguia abrir os olhos quando (o soluço passou) surgiu o Cabelo em alta velocidade e, plof, me derrubou. O chão estava quente, dava pra fritar as mãos; aos poucos, a plantação começava a queimar e ficaria pior, mas naquele dia caiu um temporal de machucar as costas, desses que acabam em cinco minutos e deixam um rastro de civilizações e formigas submersas.

Sem parar, o Bruno olhava pro céu com a boca aberta e tentava engolir os pingos. Não percebeu que a terra já escorregava e que as chances de acontecer uma derrapagem eram tantas quanto nosso amontoado de tralhas da casa na árvore, de modo que ele patinou, patinou e perdeu um sapato. Praguejou algo que eu não ouvi e seguiu correndo de meias. Logo atrás, o Cabelo parou, apanhou o artefato e classificou-o como prova A da Promo-

toria — mas nem chegou a pedir autorização do juiz para girar o ténis pelo cadarço e arremessá-lo a distância. Plof: uma artilharia de palmilha e cano alto bem na mira do espião búlgaro.

Apesar do ferimento de calibre 35/36 nas costas, o Bruno continuou correndo. Arrastava-se aos tropeços, imaginando sua consagração como herói nacional. A perseguição passaria na tevê em câmara lenta, depois o povo o aclamaria em carro aberto. Ele mostraria aos tataranetos a marca da sola durante um churrasco da família e contaria longas histórias de guerra, talvez até participasse de encontros de veteranos e coisa e tal.

O Bruno chegaria à casa na árvore, de fato, não fosse a intervenção da Grande Poça, a mãe de todas as lamas, que aconteceu de repente bem quando ele olhava para trás. O espião afundou em cheio e caiu de cara. Emergiu daquela massa de lodo um Bruno caramelado e viu que era inútil continuar fugindo. A dois passos, a silhueta do Cabelo já lembrava seu direito de permanecer calado, citava a primeira emenda de cabeça e mostrava as algemas (que nem sequer existiam). A dois centímetros, um aro sujo de metal encarava o Bruno, talvez um anel. Ele deu um jeito de guardar o objeto sem que o Cabelo percebesse, em seguida foi detido pelas autoridades e preso na casa da árvore.

O Chibo também não estava quando o Bruno falou do homem morto — um corpo do lado de lá do arame, em um lugar da plantação que contando daquele jeito parecia muito muito distante. Era uma espécie de traidor do povo da

Bulgária, um cara que não cumpria as leis e nem pagava impostos porque, afinal de contas, estava morto. Não demorou: no meio do milharal, um redemoinho vivo de círculos secretos, entradas e saídas, o Bruno propôs o jogo. Ficou de joelhos e espalhou as folhas do caderno espiral (toda sua cartografia) pelo chão de terra. Calculou distâncias e provisões, pediu para todo mundo girar em torno do próprio eixo a fim de despistar o inimigo e, finalmente, baseado em estudos preliminares sobre a geografia local e o posicionamento das nuvens, apontou o caminho mais estreito onde as folhas pareciam manchadas de ferrugem. Por ali, disse. Suas orientações vagas e intensas (o oeste correspondia ao norte e o centro estava junto à fronteira leste) passavam ao lado de uma árvore sozinha e muito vermelha, entre uns velhos pés de caqui, por trás de uma elevação onde o corredor se bifurcava em um, dois, três outros. O Cabelo decidiu, assim, de repente, que também tinha visto o presunto, e para provar que não estava mentindo se apressou em ir na frente sem maiores (ou menores) perguntas, abrindo caminho com o braço, colhendo amostras de mato: “vira à direita ou segue em frente porque dá na mesma”, e protegeu o rosto com a outra mão.

Fizemos silêncio e fomos andando, peteleco aqui e ali para espantar os carunchos que grudavam nas pernas. O Cabelo parecia animado e caminhava rápido: “Agora é traçar linhas coloridas nos mapas do Bruno, fazer a volta, vinte, trinta passos e pronto.” Às vezes ele parava num estalo, olhava pra trás e dava alguma ordem a esmo (a gente quase nunca entendia). Na minha frente o Bruno, que lidava bem com aquelas freadas brus-

cas, continuava quieto — talvez pressentisse uma dor de barriga. Eu apenas seguia, na popa.

O caminho de milho não parecia levar a parte alguma, era cada vez mais espesso e abafado. Olhei pra trás e notei que também se fechava por onde a gente tinha passado, mas não disse nada. Nunca dizia. O Cabelo estava todo picado e parecia feliz, parou para coçar a perna e analisar um besouro grudado no ossinho do tornozelo. O Bruno pensou em aproveitar a ocasião e subir nas costas dele, lá no alto gritar “terra à vista”, mas acabou agindo de maneira polida e pediu escadinha. Em dois segundos foi erguido o brunoscópio; por cima do milharal, ele não achou o arame nem nada, mas viu uma clareira à distância de vinte passos a estibordo, onde poderíamos descansar da coceira e analisar os mapas.

Era um pequeno espaço de folhas pisadas, que do alto formava um desenho alienígena (segundo o Cabelo). Sentamos sem vigiar a retaguarda ou saber se o terreno estava minado, apenas desabamos no chão e passamos a nos abanar. O Bruno juntou os joelhos e cantou baixinho. A essa altura, ele já devia ter uma explicação terrível para tudo e ficaria cada vez mais quieto — então parou de cantar e olhou pra gente, como se fosse a vez do coral. O Cabelo abaixou a cabeça e confessou que, bem, na verdade, não tinha visto o morto, visto, assim, com os olhos, sabe?, tinha apenas ouvido uma história que — O Bruno se levantou, tomando a frente: “Minha vez de guiar.” Consultou o mapa, falou que estávamos no caminho certo e (só pra impressionar) tirou do bolso um anel. “Não toquem nisto”, disse, satisfeito com o olhar de espanto dos expedicionários. “Achei na poça semana

passada... É uma aliança”, e esperou uns segundos para fins dramáticos, “do cara morto”.

De cócoras, tragado por um sol imenso, o Bruno remexia as folhas secas do chão. Quando me viu, levantou rápido e fingiu estar interessadíssimo em um graveto sem nenhuma graça. Com as mãos cheias de pedras, o Cabelo apareceu. Distribuiu a artilharia e se afastou. A gente brincava de acertar pedras nas lagartixas da árvore, mas por medo, nojo ou piedade, o Cabelo só assistia, ensaiando caretas a cada tiro. Não tardou para que um golpe dividisse ao meio uma das lagartixas. O Cabelo apertou os olhos, virou o rosto.

As duas partes do bichinho despencaram tronco abaixo. Fiquei olhando pro vazio que separava a cabeça — os olhos estavam muito vivos ainda — e o rabo. Com um pauzinho, o Bruno cutucou a lagartixa: “Será que um homem demora assim pra morrer?” Pensei no Chibo, em todo aquele silêncio do banco de trás, e que sim, alguém pode começar a morrer muito cedo (e levar dias, horas ou anos para não existir mais).

Os olhos da lagartixa três segundos antes da pedrada eram duas bolinhas pretas, saltadas e úmidas — assustados besouros do amendoim quando a gente abre o pote e faz cara de mau. Acho que ela sabia o que ia acontecer; sabia que não adiantava pedir ajuda, e continuava estática com aquela cara de quem quer um pedaço.

Antes de escurecer, ainda naquele dia, o Cabelo disse aos sussurros que o Bruno tinha-as-

sassinado-a-pedradas-o-Cara-Morto-por-ordem-da-rainha-da-Bulgária-e-(pior)-não-contou-nada-para-gente-o-petulante. “Pronto, falei.” O Cabelo estava furioso porque todo mundo só dava ouvidos ao Bruno, sem duvidar das bobagens que ele dizia: por exemplo, “esta é a aliança de casamento do presunto, fui eu que achei”. E pronto, a gente acreditava.

Segundo as novas informações do Cabelo, alguém havia roubado um microrreator nuclear em forma de anel (desenvolvido pelo laboratório oficial do governo de Sua Majestade) e o espião búlgaro de codinome Bruno fora destacado para recuperá-lo e eliminar o agente duplo de codinome Cara Morto. Ele explicou tudo isso com um ar de importância e ficou esperando a reação. Forneceria mais detalhes, se preciso. Tinha passado a tarde pensando naquilo. Cavouquei um pouco a terra, em silêncio, mas já era quase noite, então não disse nada. Acho que o Cabelo ficou lá por um tempo.

O vento mudou.

No dia seguinte, sentado na casa da árvore, com a plantação aos pés, eu atracava meus navios. Uns de papel, outros de madeira, pintados de azul, com a tinta descascada.

Imaginava o Chibo em miniatura, na escotilha de um dos barcos; ele subiu ensaiando uma canção de marinheiro e a praia ficou muito próxima (eu lutava para ancorar meus navios). Meu irmão passou a manejar cordas, me chamava de capitão. “A ilha é habitada, capitão”, me chamava de capitão, e isso trazia o Chibo de volta. Fiquei de pé no convés da casa da árvore e fiz uma luneta com

a mão. Era o Bruno lá longe. O espião búlgaro zigagueava, examinando palmo a palmo o chão da plantação. Ele então chutou algumas pedras e se inclinou: o brilho do objeto me atingiu, um isqueiro de metal. Pegou, limpou na camisa, guardou no bolso. Afastei a luneta do rosto e me virei procurando o Chibo. Mas meu irmão sumia, sumiu, e uma onda maior fez o nosso navio recuar.

Acenei para o Bruno, que fechou os olhos e, as mãos em concha, gritou: “A casa da árvore tá precisando de uma porta.” Ele tinha sorrido, acho. Dei um salto e voei pela escada de sisal, pulei em cima dele berrando qualquer coisa, mas o Cabelo não foi atrás e eu tampouco consegui derrubar o Bruno. Ele se desvencilhou da minha perna que teimava em lhe passar uma rasteira (fra-qui-nho, mu-lher-zi-nha) e marchou solenemente para a casa na árvore. Fiquei acompanhando a cena deitado na terra, de barriga pra cima, sem vontade de existir. O Bruno subiu a escada, ficou de cócoras e encarou o Cabelo, que olhava para a cutícula do dedão, para o teto e para a cutícula do dedão (era mesmo engraçada).

Tirou o isqueiro do bolso como fazem os policiais em filmes dublados, começou a brincar com a chama e explicou o plano:

A gente vai se dividir. O Cabelo tem que ir pro oeste, e você, na direção da árvore toda vermelha. A minha área é o laguinho. Ninguém fala com ninguém. Quem encontrar alguma coisa é pra deixar uma mensagem na casa da árvore e marcar a espiga mais próxima com um pedaço da roupa. Quem for capturado vai ter que calar a boca.

Agora a gente vai fazer um pacto. Alguém não entendeu?

O Bruno acendeu o isqueiro e pediu pro Cabelo botar o dedo no fogo. A chama ficou esperando. Ele me procurou de cima da árvore, os olhos eram duas bolinhas úmidas, mas eu me fingi de morto. Quem vai entrar pro serviço secreto põe-o-dedo-aqui, que já vai fechar. “Isso é brincadeira de menina”, protestou o Cabelo, esperando que eu o apoiasse, coisa que também não fiz — segui morto, pálido contra o laranja do chão, as formigas brotando pelos joelhos e braços. “Vai ser assim, então? Você vai ficar contra nós?”

Não lembro direito como aconteceu, mas o Cabelo disse “vou” bem baixinho, tanto que eu não entendi se era uma palavra ou um pio. O Bruno deu um soco na parede. “Some daqui”, disse, e enfiou o dedo no fogo. Então isso era ser homem.

Não adiantava insistir como o Cabelo fez, gritando que a rainha da Bulgária tinha acabado de chegar e trazia um informe ultra-secreto porque, com porta ou sem porta, o Bruno passaria a tarde trancado na casa da árvore sem receber visitas. Tinha, eu aposto, todas as coordenadas na cabeça, os próximos passos na forma de gráficos, tintim por tintim, e nada é pior do que quando já está tudo pronto e só falta atacar (a ansiedade). Cansado de gritar, o Cabelo se juntou a mim — mas preferiu a sombra, porque ele é daqueles que ficam cor-de-rosa no calor. Assim, meio de longe, tirou uma moeda do ouvido. Fez uma acrobacia com os dedos, a moeda sumiu e, “psiu!”, ele acenou pra mim. Esfreguei os olhos. “Psiu!”, o Cabelo chamou de novo e levou o indicador à boca,

pedindo silêncio. Tirou do bolso um giz de cera e um pedaço amassado de papel. Desenhou um telefone e me mostrou: precisava falar comigo, era isso. Rabiscou uma porção de frutas vermelhas + um relógio marcando quinze pras onze = dois bonecos de pauzinho. Levantou sem barulho, picou os desenhos em minúsculos pedaços (não queria deixar provas, explicaria depois) e sumiu.

A gente se encontrou na hora combinada onde a plantação dava trégua e os pés de caqui venciam por um instante. O Cabelo trazia a mão fechada e disse, atropeladamente e de uma vez só, que a gente tinha que ficar junto até o fim, que os mapas do Bruno estavam errados, que sentia um bolo no estômago e que o agente duplo de codinome Cara Morto podia, na verdade, estar vivo e rastreando os nossos passos. Abriu a mão e mostrou os transmissores, três cápsulas de polipropileno metalizado do tipo betacaroteno que ele havia achado no dia anterior, num amontoado de terra. Ou eram isso, ou eram pedrinhas — ele concluiu, quase em cima de mim. Eu recuava e recuava e recuava. Ele estendeu a mão para que eu as visse melhor, “toma cuidado porque podem explodir”.

O Cabelo, mão suada e cara vermelha, tinha colocado a blusa ao contrário. Um dia ele cortou a gola de uma camiseta velha porque se sentia sufocado e ninguém reclamou; com o tempo, começou a rasgar também a manga das outras roupas e hoje destroça todo o guarda-roupa no início de cada verão. O Cabelo, eu acho, queria mesmo era ganhar uma regata de time de basquete, daquelas furadas tipo peneira. O sonho dele era driblar

o Bruno, voar para a cesta e autografar a testa dos meninos mais novos, mas de pensar ele se atrapalhava todo, enfiava a cabeça na manga, errava o lado direito da roupa — então eu olhei pra ele e disse: “Tua camisa tá do avesso.” Foi o que eu falei, e só. No banco de trás o Chibo respirava forte — meu irmão se encolheu, suas rodas giravam no vazio, os cabos interrompidos, as asas se soltariam da fuselagem e cairíamos todos. Eu já sabia que havíamos perdido o contato com a base, mas não avisei o Cabelo, que olhava turbulento para a camisa do avesso, olhava para as três pedrinhas na mão, olhava pra mim.

Caindo, caindo, a mais de vinte mil pés, o Cabelo enfiou os transmissores no bolso, no pacote das balas de goma. Era como se arquivasse as provas definitivas do caso. Eu ouvia, com interferências, o Bruno repetir: O Cabelo vai pro oeste. A minha área é o laguinho. Ninguém fala com ninguém. Quem for capturado deve — e foi cortado por um ruído, um chiado, uma respiração forte. Então caminhamos o Cabelo e eu (e era um dia ímpar) até nos separarmos. Ele acenou de volta, seguiu. Cantarolava baixinho: “O braço não é o braço, o braço é a cabeça”, eu continuei na direção oposta, a da árvore toda vermelha, “a boca não é a boca, a boca é o umbigo”, e ouvia cada vez menos.